

Uma análise paleográfica do calendário do livro de horas 50,1,016 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

A paleographic analysis of the calendar of the book of hours 50,1,016 from the National Library of Rio de Janeiro

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i3.42269>

Maria Izabel Escano Duarte de Souza

Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo, mestre e graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora dos grupos LATHIMM/USP e Studiolo-UERJ. Atua como professora do ensino básico e pesquisadora em coleções de arte.

E-mail: mariaizabeleds@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4774-1100>

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de fazer uma análise paleográfica do calendário de um livro de horas pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, registrado com a localização 50,1,016. Proceder a um comentário paleográfico acerca dos outros textos deste livro de horas, bem como apresentar a coleção da qual ele faz parte também são propósitos deste texto. Essa análise visa identificar quantos escribas atuaram na confecção do calendário, bem como o tipo de letra usada em sua confecção e as características gerais da escrita. Aspectos codicológicos tanto do calendário quanto do restante do livro de horas também serão examinados neste artigo, pois constituem uma das etapas da pesquisa que vem sendo realizada no contexto da tese de doutoramento desenvolvida desde 2017 pela autora.

Palavras-chave: Livro de horas. Escrita Gótica. Calendário. Manuscrito iluminado. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This article aims to make a paleographic analysis about the calendar present in a book of hours belonging to the National Library of Rio de Janeiro, registered under the location 50,1,016. Make a paleographic commentary on the other texts in this book of hours, as well as presenting the collection of which it is part, are also purposes of this text. This analysis aims to identify how many scribes worked in the process of making the calendar, as well as the type of letter used in its making and the general characteristics of the writing. Codicological aspects of the calendar and the rest of the book of hours will also be examined in this article, as they constitute one of the stages of research that has been developed in the context of a doctoral thesis developed since 2017 by the author.

Keywords: Book of hours. Gothic script. Calendar. Illuminated manuscript. National Library of Rio de Janeiro.

Introdução: os livros de horas

Livros de horas são instrumentos privilegiados de devoção e meditação pessoais. Eles podem ser definidos como livros que continham, além do Pequeno Ofício da Virgem Maria¹, outros ofícios, salmos e textos para recitação diária dos leigos, de acordo com as horas canônicas². Sua leitura também era considerada um meio eficaz de preparação para a hora da morte e para se alcançar a salvação. Esta prática da recitação cotidiana das horas foi apropriada pelos leigos como uma forma de acesso ao mundo divino e às experiências místicas.

A popularidade desses livros é grande entre os séculos XIII e XVI: eles foram o tipo de livro mais produzido nesse período, mais até mesmo que a Bíblia³, e os que sobreviveram em maior número até os nossos dias. Eram muito comuns como presente de núpcias entre noivos, além de serem utilizados para alfabetização de crianças.⁴ Por serem bens de alto valor monetário, já que os materiais utilizados para sua confecção eram caros, tornavam-se preciosos símbolos de *status*, e figuravam até mesmo em testamentos. Além disso, eram objetos que constituíam importante faceta da piedade laica durante a Idade Média, e nos ajudam a compreender algumas de suas práticas devocionais, principalmente a devoção privada, da qual a oração silenciosa e a contemplação eram etapas importantes.

O conteúdo dos livros de horas era ditado principalmente pela vontade de seus proprietários. Dentre os textos mais comuns estão o calendário, o Pequeno Ofício da Virgem Maria, o Ofício do Espírito Santo, o Ofício da Cruz, os salmos penitenciais, a litania e o Ofício dos Mortos. Também podem aparecer as passagens dos Evangelhos, duas orações à Virgem *O Intemerata* e *Obsecro te*, Sufrágios aos Santos, passagens da Paixão de Cristo, geralmente segundo João, entre outros.

É importante notar que os textos dos ofícios são praticamente os mesmos para todo o ano, com pequenas variações para o tempo litúrgico do Advento e da Páscoa. Estes textos eram geralmente escritos em latim. Algumas partes dos livros – como os calendários, algumas orações e rubricas – poderiam ser escritas nas línguas vernáculas.

¹ Versão resumida do Ofício da Virgem Maria, criado no século XI por Bento de Aniane, que se tornou leitura obrigatória do Ofício Divino do clero.

² As matinas, recitadas aproximadamente às 2h30, são o ofício mais importante onde, além de salmos e hinos, as leituras são retiradas da Bíblia e alternadas por versos (respostas). As laudes (às 5h) e as vésperas (16h30) se constituem de salmos, hinos e curtas leituras (capítulos). As primas (6h), as terças (9h), as sextas (12h), as noas (15h), e as completas (recitadas às 18h), são mais curtas. GAUVARD, Claude; LIBERA, Alain de; ZINK, Michel. *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF, 2002.

³ WIECK, Roger. *Painted prayers: the book of hours in Medieval and Renaissance Art*. New York: George Braziller Inc, 1997, p. 7.

⁴ *Ibidem*, p. 13.

Cada livro seguia um Uso específico. Este é um tipo específico de liturgia (conjunto de versos, respostas, antifonas e capítulos) praticado em uma região particular ou por um grupo de pessoas. Os textos das missas e do ofício divino, bem como sua ordem durante o ano, variam de acordo com esses ritos, com celebrações relacionadas a santos locais sendo particularmente variáveis. Durante a Idade Média, alguns usos foram regulamentados por grandes catedrais ou ordens religiosas e acabaram se espalhando além de sua região de origem⁵. Os mais comuns são o de Roma (maior parte dos livros), Paris (livros franceses), Rouen, Sarum de Salisbury (livros ingleses ou feitos para clientes ingleses), Besançon, Poitiers e Utrecht (livros flamengos). Muitas vezes, essas variações podem auxiliar na identificação da origem do manuscrito.

O livro de horas é, portanto, um objeto bastante complexo, com várias camadas de significados: além dos textos descritos acima, tais livros geralmente continham iluminuras, iniciais ornamentadas e historiadas e a decoração nas margens dos fôlios, cada uma delas correspondente a uma parte do livro. Todos esses elementos se complementam durante a leitura, formando uma teia de sentidos que conduz o leitor/espectador do livro à meditação, à interiorização dos conceitos religiosos e à devoção.

1. A coleção que integra o livro de horas 50,1,016

O livro de horas 50,1,016⁶ está localizado na Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Porém, ele não é o único livro deste tipo a fazer parte desta coleção: nela há mais sete desses livros iluminados. Três deles – além do códice supracitado – pertenceram à Real Biblioteca Portuguesa e possuem carimbos da Casa do Infantado. São eles o livro 50,1,001⁷, o livro 50,1,019⁸ e o livro 50,1,022⁹. Os outros quatro foram adquiridos pela Biblioteca Nacional por meio de compras e doações avulsas: o livro 50,1,010¹⁰, o 50,1,020¹¹, o códice 50,1,023¹² e o 50,1,028¹³.

A Divisão de Manuscritos possui um conjunto documental estimado em 800 mil itens, que vão desde o século XI-XII até o século XX, nos mais diferentes suportes, tipos de escrita, idiomas, dentre

⁵ BROWN, M. *Understanding Illuminated Manuscripts: a guide to technical terms*. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 1994, p. 123.

⁶ Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212392/mss1212392.pdf. Acesso em: 09 mar. 2021.

⁷ Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212389/mss1212389.pdf. Acesso em: 09 mar. 2021.

⁸ Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212393/mss1212393.pdf. Acesso em: 09 mar. 2021.

⁹ Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212395/mss1212395.pdf. Acesso em: 09 mar. 2021.

¹⁰ Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss35452/mss35452.pdf. Acesso em: 09 mar. 2021.

¹¹ Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212394/mss1212394.pdf. Acesso em: 09 mar. 2021.

¹² Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212396/mss1212396.pdf. Acesso em: 09 mar. 2021.

¹³ Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212397/mss1212397.pdf. Acesso em: 09 mar. 2021.

códices, documentos avulsos, mapas, fotografias, estampas, recortes de jornais¹⁴. Seu núcleo inicial de formação, entretanto, está intimamente ligado à Real Biblioteca Portuguesa.

A Divisão de Manuscritos surgiu como complemento do acervo da Real Biblioteca Portuguesa – Livraria do Rei e Casa do Infantado – com, aproximadamente, mil códices manuscritos e avulsos, muitos dos quais de uso privativo de D. José I e de D. João VI. Eram papéis e documentos oficiais escritos pelo próprio Dâmaso sobre a administração da Real Biblioteca. Seus primeiros administradores designaram o depósito de manuscritos como “Arquivo” e depois como Gabinete de Manuscritos. Já terminando o período Imperial, com a organização administrativa da Biblioteca Nacional pelo decreto nº 6.141, de 4 de setembro de 1876, passou a denominar-se 2ª Seção-Manuscritos. Na República, em meados do século XX, passa a se chamar Seção de Manuscritos, e depois Divisão de Manuscritos¹⁵.

No entanto, para entender a origem desta Divisão – e do livro de horas 50,1,016 – é importante voltar um pouco no tempo, mais precisamente para 1755 em Lisboa, quando houve um terrível terremoto, seguido de maremoto e incêndio. A Real Biblioteca da Ajuda foi destruída junto com o Palácio da Ribeira, onde ficava localizada, e com toda a cidade¹⁶. Após o terremoto, o bibliotecário responsável, Pe. José Caetano de Almeida, iniciou o processo de recomposição da coleção. Duas coleções foram reunidas para formar a Real Biblioteca Portuguesa: a Livraria do Rei e a Livraria da Casa do Infantado, de onde provém o livro 50,1,016.

Criada em 1654 por D. João IV, a Casa do Infantado era uma organização patrimonial dos infantes, ou seja, aqueles filhos do Rei que não são os herdeiros diretos da Coroa, e funcionou por 180 anos, sendo extinta por D. Pedro I em 1834¹⁷.

Ao longo dos anos que sucederam ao terremoto a Real foi sendo reconstruída aos poucos, junto com a cidade de Lisboa: emissários em várias capitais adquiriam obras e coleções dos mais variados temas, destacando o caráter enciclopédico da Livraria Real. Doações e aquisições dentro de Portugal também ocorreram, dentre elas a coleção do abade e bibliófilo Diogo Barbosa Machado, estampas e códices raros doados pelo artista Guglielmo Dugood, os livros do Colégio de Todos os Santos, espólio dos jesuítas, e a coleção de 1234 obras do Conde da Cunha, comprada após sua morte, em 1793¹⁸.

¹⁴ FAILLACE, Vera Lucia Miranda. *Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil*. Rio de Janeiro: FBN, 2016, p. 80. Disponível em: https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2020/livro_de_horas_digital-6630.pdf. Acesso em: 09 mar. 2021.

¹⁵ FAILLACE, Vera Lucia Miranda. *Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil*. Rio de Janeiro: FBN, 2016, p. 79.

¹⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002, p. 32 e 34.

¹⁷ FAILLACE, *op.cit.*, p. 61.

¹⁸ SCHWARCZ, *op. cit.*, p. 132.

Com a ameaça da invasão francesa e a decisão da Família Real de se transferir para o Brasil, em 1807, junto com todo o aparato político e jurídico da Corte e da capital do Império Português, decide-se que a Real Biblioteca, como parte do patrimônio do Império, também faria a viagem. A coleção foi transferida para o Rio de Janeiro em três lotes: um em 1810, outro em junho de 1811 e o terceiro em novembro de 1811, totalizando 230 caixotes¹⁹. Eles foram acomodados no Hospital da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, através de decreto real, sob os cuidados do padre Joaquim Dâmaso e de Luís Joaquim dos Santos Marrocos. A data de assinatura deste decreto, 29 de outubro de 1810, é a data oficial de fundação da Biblioteca Nacional.

Voltando ao livro de horas 50,1,016, podemos fazer algumas afirmações e levantar algumas hipóteses em relação à sua origem e aquisição. A primeira afirmação é que ele não foi feito para os monarcas portugueses ou os infantes, mas para algum outro proprietário ainda desconhecido, e foi adquirido posteriormente pela Real Biblioteca, seja através de compra ou doação. Livros feitos especialmente para monarcas costumam ter alguma marca – um brasão, um *ex-libris*, uma inicial, um retrato – o que não é o caso do códice 50,1,016 – e nem de nenhum dos outros três livros da Real²⁰.

Segundo uma análise rápida feita por François Avril em um artigo intitulado “O acervo de livros de horas iluminados da Biblioteca Nacional do Brasil”²¹, o livro 50,1,016 seria datado de 1460 e possuiria uso litúrgico e origem parisienses. Ele também sugere uma identificação para os outros três livros da Real Biblioteca Portuguesa: o livro 50,1,001 seria datado de 1460 e proveniente de Bruges, feito, no entanto, para a diocese de Sarum de Salisbury, na Inglaterra; o livro 50,1,019 seria datado de 1430 e de uso litúrgico rouanense, com origem francesa; e o livro 50,1,022 seria datado de finais do século XV, e possuiria também uso litúrgico de Rouen e origem francesa.

A pergunta que devemos fazer é: em que momento e de que maneira o livro 50,1,016 passou a integrar esta coleção? Uma pista que talvez nos ajude a compreender sua presença na Real Biblioteca vem da obra de Lilia Moritz Schwarcz, em que a pesquisadora diz que, durante o reinado de D. João V, “as peças de estimação eram os Livros de horas que haviam pertencido a Francisco I, rei da França, com estampas de muitas iluminuras”²². Mais à frente, já se referindo ao reinado de D. Maria I antes da vinda para o Brasil, a pesquisadora também afirma que, segundo relatos da época, havia muitos livros

¹⁹ *Ibidem*, p. 132.

²⁰ No livro 50,1,001 há um brasão português e um colofão que dão falsas informações sobre sua origem, datação, filiação artística e propriedade. Cf. FRÓES, Vânia. O livro de horas dito de D. Fernando – maravilha para ver e rezar. *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 129, p. 83-135, 2011. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2009_00129.pdf. Acesso em: 20 fev. 2021.

²¹ AVRIL, François. O acervo de livros de horas iluminados da Biblioteca Nacional do Brasil. In: FAILLACE, Vera Lucia Miranda. *Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil*. Rio de Janeiro: FBN, 2016, p. 13-16.

²² SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002, p. 73.

de horas iluminados na coleção.²³ Ou seja, desde o século XVIII havia livros de horas iluminados franceses na coleção.

Nas outras publicações em que o livro 50,1,016 é citado não há informações sobre sua origem ou mesmo sobre sua trajetória e aquisição. São elas o “Catálogo da Exposição Permanente dos Cimélios da Bibliotheca Nacional”, de 1885²⁴, o catálogo da exposição “Manuscritos, Sec. XII-XVIII: Pergaminhos Iluminados e Documentos Preciosos”, de 1973²⁵, o estudo minucioso feito pelo Frei Damião Berge, denominado “Livros de Horas manuscritos iluminados da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”²⁶ e um artigo de Ana Virgínia Pinheiro nos anais da Biblioteca Nacional.²⁷

Assim, para obtermos essas informações, e para confirmarmos a origem e datação do códice 50,1,016 fornecidas por François Avril, devemos analisar o livro de horas do ponto de vista codicológico, paleográfico, artístico e histórico. Neste artigo demonstraremos de maneira breve a análise paleográfica do códice, dando ênfase a seu calendário.

2. Comentário paleográfico sobre o livro de horas 50,1,016

Passamos então à análise do livro 50,1,016. Seu texto foi escrito em latim – com exceção do calendário e dos sufrágios dos santos, que estão em francês. Ele apresenta 160 fólios, mede 180 x 130 mm e sua encadernação é moderna, feita de pergaminho com papel cresante e revestida de couro branco, confeccionada na Biblioteca Nacional por Carmem Albuquerque em 1996²⁸. O suporte do manuscrito é o pergaminho, e foram usadas tintas vermelhas, douradas e negras em sua escrita, provavelmente feita com pena de ave. A tinta negra oxidou-se e apresenta uma cor ocre. A mancha de

²³ *Ibidem*, p. 179.

²⁴ GAMA, João de Saldanha da. (dir.) *Exposição Permanente dos Cimélios da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Leuzinger & Filhos, 1885, p. 479–481.

Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg73116/drg73116.pdf. Acesso em: 17 fev. 2021.

²⁵ DAMASCENO, Darcy. *Manuscritos – séc XII-XVIII: Pergaminhos iluminados e documentos preciosos*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1973, p. 5. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon620428.pdf. Acesso em: 17 fev. 2021.

²⁶ BERGE, Damião. *Livros de Horas manuscritos iluminados da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional (ms. 23,2,12). Datilografado.

Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1589021/mss1589021.pdf. Acesso em: 17 fev. 2021.

²⁷ PINHEIRO, Ana Virgínia. O livro do olhar e do silêncio. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 137, p. 31–68, 2020.

Disponível em: https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2020/anais_da_biblioteca_nacional_vol.137_-_2017-6933.pdf. Acesso em: 19 fev. 2022.

²⁸ Ficha técnica de encadernação do laboratório de restauração da FBN n° 36/96.

texto mede 100 x 60 mm, dividida em uma coluna e dezoito linhas traçadas em tinta vermelha, sendo dezessete linhas de texto.

Em relação à estruturação e divisão do códice, Ana Virginia Pinheiro afirma que ele possui quatorze cadernos, sendo doze sextos (com seis bifólios cada um), dois quaternos irregulares (com quatro bifólios cada um) e um bifólio (fólios 159 e 160).²⁹ Faltam-lhe dois fólios: o 70 e o 73. A paginação foi escrita a lápis, no canto inferior esquerdo dos fólios *rectos*. O livro possui dois carimbos da Real Biblioteca – Casa do Infantado³⁰, um no fólio 2v e outro no fólio 151v. [Figura 1]

Figura 1 - Carimbo da Real Biblioteca Portuguesa
– Casa do Infantado, f. 2v



Fonte: Livro de horas 50,1,016.

Além disso, ele possui um carimbo da Biblioteca Nacional na folha de guarda, onde também há a seguinte inscrição, feita a lápis: “Reg. 1.212.392/16/05/2008 AA”, indicando seu número de registro. Ainda, no fólio 1v, há o registro de sua antiga localização na Real Biblioteca, escrita a pena na margem superior: “47-3-58”. O mesmo carimbo, escrito “Biblioteca Nacional Brasil”, pode ser encontrado no último fólio do manuscrito.

O estado de conservação do manuscrito é bom, embora apresente pequenas manchas nos fólios 17r, 143v e 144r; uma grande mancha de umidade que migra desde o fólio 146r até o 147v e outra do fólio 148r ao 149r. Há a presença também de deterioração causada por insetos. Além disso, o primeiro e o último fólhos do livro estão bastante escurecidos.

Seu conteúdo inclui: entre os fólhos 1r e 12v um calendário em francês, cada mês em um fólio; do fólio 13r até o 16r as Horas da Cruz; do 16r ao 20v as Horas do Espírito Santo; do 21r ao 25r as

²⁹ PINHEIRO, Ana Virgínia. O livro do olhar e do silêncio. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 137, p. 60, 2020.

³⁰ FAILLACE, Vera Lucia Miranda. *Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil*. Rio de Janeiro: FBN, 2016, p. 130-131.

passagens dos quatro Evangelhos; do 25r ao 31v as orações à Virgem Maria; do fólio 32r ao 87v as Horas da Virgem Maria incompletas, faltando as sextas e as noas. Entre os fólhos 88r e 99v os sete salmos penitenciais, do 99v ao 103v a litania; do 104r ao 145r o Ofício dos Mortos e do 145r ao 153v as Memórias dos Santos³¹.

Em relação à escrita do livro de horas 50,1,016, podemos perceber o emprego da letra gótica, caligráfica e predominantemente reta, do tipo *Textualis Formata*³². É uma escrita pesada, apresentando variações de módulo, como podemos perceber, por exemplo, nos fólhos 13v, 104r, 131v, 132r, 132v, 143r, 145v, 147v, 148r, 148v, 149r, 149v, 150r, 150v, 151r, 151v, 152r, 152v, 153r. Ela apresenta muitos nexos e ligaduras, principalmente nas letras m, n, i, u, v, r, s, t, e, e um uso moderado de abreviaturas ao longo do texto.

A escrita apresenta muitas rubricas, localizadas no início de cada coleta, antífona, capítulo, versículo, oração, passagem de evangelho, hora canônica, ofício, resposta, salmo, hino, lição, leitura. Além da rubrica para as Alegrias da Virgem, no fólio 86v, as rubricas das Memórias dos Santos (entre os fólhos 145v e 153v) estão em francês.

Em alguns fólhos podemos perceber lacunas no meio do texto, seja porque as palavras foram raspadas e não substituídas, seja por esquecimento de palavras ou rubricas por parte do copista, como na linha oito do fólio 14r, linha doze do fólio 21v, linha seis do fólio 24v, na linha dezesseis do fólio 27r, linha 17 do fólio 48v, dentre outros exemplos. Em outros casos, encontramos correções feitas sobre o texto original, que foi apagado. Percebemos tal prática nos fólhos 29r, 42v, 49r.

Encontramos algumas correções marginais feitas ao texto: no fólio 25v encontramos a anotação “*rogo te*”³³ na margem externa, entre as linhas quatro e cinco. Ela se encaixaria ao final da frase “*fons consolatiōnis et indulgentie*”³⁴, no início da quinta linha. No fólio 42v outra anotação na margem externa, na altura da linha seis. Apesar de estar apagada parece ser “*exaltabor in terra*”³⁵. Na mesma linha a última palavra também está apagada, mas parece ser “*in gentibus*”. Porém, a palavra anterior é justamente “*exaltabor*”, o que poderia indicar que a anotação seria na verdade uma correção que se encaixaria ao final desta linha. Pela leitura da frase e desdobrando a abreviatura teríamos “*vacate et videte quomodo ego sum deus exaltabor in terra*”, que significa “Vigiai e olhai pois eu sou Deus e serei exaltado na Terra”, dando sentido completo à frase. Já no fólio 43v temos uma adição entre as linhas três e quatro: a palavra “*suo*”. Ela se encaixaria após a palavra “*tabernaculo*” e antes do ponto que encerra a frase.

³¹ FAILLACE, Vera Lucia Miranda. *Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil*. Rio de Janeiro: FBN, 2016, p.126.

³² Tais conceitos serão explicados na próxima seção deste artigo.

³³ “eu te rogo”

³⁴ “fonte de consolação e indulgência”

³⁵ “serei exaltado na terra”

Não somos capazes de afirmar se foi o escriba principal quem fez estas anotações ou não. Porém, é interessante notar que nas três intervenções a letra é menor e a tinta está bastante desgastada, contrastando com o texto escrito em cada um desses fôlios, cuja tinta não está desgastada. Isto pode sugerir que outro tipo de tinta foi usado para fazer tais adições, ou ainda que estas seriam posteriores à confecção do manuscrito.

O livro apresenta uma inscrição raspada no fôlio 1r. Ela se localiza abaixo do calendário, na margem inferior, e parece que ocupava originalmente um espaço de quatro linhas. Apesar de não ser possível ler o conteúdo da inscrição, seus vestígios permitem perceber que se trata de uma letra cursiva, bem diferente do restante do manuscrito. Esta observação nos faz levantar a hipótese de que tal inscrição tenha sido feita por um dos proprietários do códice.

Em relação à decoração e iluminação, o livro apresenta tipos e tamanhos diferentes de iniciais: no início dos ofícios da Cruz, do Espírito Santo e dos Mortos, no início de cada hora canônica do Ofício da Virgem, no início das orações *Obsecro te* (fol. 25) e *O Intemerata* (fol. 28v) e dos salmos penitenciais, as iniciais ocupam três linhas de texto, possuem fundo dourado e são desenhadas em tinta azul e vermelha com folhagens em sua decoração. Excetua-se a inicial C nas completas do Ofício da Virgem que ocupa quatro linhas do texto. [Figura 2]

Figura 2 - Tipos de iniciais dos fôlios com iluminuras: inicial D, ocupando três linhas de texto, e inicial C, ocupando quatro linhas de texto



[f. 76v]



[f. 82v]

Fonte: Livro de horas 50,1,016.

Já ao longo do texto as iniciais ocupam uma ou duas linhas, e são escritas em dourado com fundo azul e vermelho, e finas decorações em branco. Há a presença também de fechamentos de linha de diversos tamanhos no mesmo estilo das iniciais descritas acima. [Figura 3]

Figura 3 - Tipos de iniciais que aparecem ao longo do texto: iniciais P e D, ocupando duas linhas, e iniciais G e S, ocupando uma linha



Fonte: Livro de horas 50,1,016.

As margens do manuscrito são decoradas com frutos, diversos tipos de flores e folhagens, dentre as quais se destacam folhas de acanto azuis e douradas e ramagens. Os fólhos com textos possuem somente um dos lados decorados, respeitando os limites inferior e superior da mancha de texto, formando assim um bloco único: os fólhos *rectos* contam com decoração na margem direita, e os fólhos *verso* são decorados na margem esquerda. Essa alternância se relaciona intimamente com a encadernação, pois o lado do fólho que não contém decoração marginal é justamente aquele que recebe a costura, deixando assim pouco espaço para o desenvolvimento de motivos. Nestes fólhos encontramos pequenos frutos, como morangos e cerejas, pequenas flores de cores diversas e ramagens.

Os fólhos que possuem iluminuras de meia página são profusamente decorados nas quatro margens, embora a iluminura não esteja centralizada na página, deixando assim a margem próxima à costura com um espaço menor e, portanto, com uma decoração mais simples. São nesses fólhos que aparecem as folhas de acanto azuis e douradas, mescladas aos motivos descritos acima. Ainda, os fólhos 25r e 28v, onde figuram duas pequenas iluminuras, localizadas nas margens direita e esquerda, respectivamente, possuem três margens decoradas: a de cima, a de baixo e aquela onde está a iluminura. Percebemos que é da imagem que a decoração marginal se origina e dela se irradia para as outras margens.

Assim, em relação à iluminação, o livro possui quinze miniaturas. São elas a Crucificação, marcando o início do Ofício da Cruz (f. 13r), o Pentecostes, marcando o início do Ofício do Espírito Santo (f. 16v), a Virgem com o Cristo Morto, marcando a oração *Obsecro te*, na margem do fólho 25r, a Virgem com o Menino e um anjo, na oração *O Intemerata*, na margem do fólho 28v, a Anunciação nas matinas do Ofício da Virgem (f. 32r), o Nascimento da Virgem, sua Apresentação no Templo e suas Bodas com José, localizadas nas margens do fólho 32r, a Visitação nas laudes do Ofício da Virgem (f. 52v), a Natividade nas primas do Ofício da Virgem (f. 62r), o Anúncio aos Pastores nas terças do Ofício da Virgem (f. 67r), a Fuga para o Egito nas vésperas do Ofício da Virgem (f. 76v), a Coroação da Virgem nas completas do Ofício da Virgem (f. 82r), Davi Penitente no início dos Salmos Penitenciais (f. 88r) e uma cena de Enterro no início do Ofício dos Mortos (f. 104r).

Para finalizar este comentário, é preciso destacar que nos doze fólhos finais há uma série de orações, que parecem ter sido adicionadas posteriormente à confecção do livro, e neles encontramos três tipos diferentes de letras.

Do fólho 154r ao 157r temos os hinos à Paixão de Cristo, compostos pelo monge João de Limoges no século XIII, e retirados de seu livro *De Passione Christi*. São dez hinos, os oito primeiros endereçados ao Crucifixo, à Cruz, à Cabeça e às Cinco Chagas de Cristo, os últimos dois à Virgem e a São João Evangelista. Do fólho 157r ao 159r estão As Sete Últimas Palavras de Cristo, texto retirado dos Evangelhos que intercala as últimas sete frases ditas por Jesus momentos antes de sua expiação, e orações compostas por Beda, o Venerável. Nestes fólhos o suporte também é pergaminho, escrito com

pena de ave e tinta negra, que apresenta menor grau de oxidação que o restante do manuscrito, e tinta vermelha para as rubricas. Suas características são semelhantes às da letra do resto do manuscrito: letra gótica, caligráfica e predominantemente reta, escrita pesada, muitos nexos e ligaduras, uso de abreviaturas ao longo do texto. Outra característica que podemos apontar é a presença de iniciais que são semelhantes às aquelas presentes no corpo do texto no restante do manuscrito, escritas em dourado com fundo azul e vermelho e decorações em branco.

Porém, devemos salientar as diferenças: percebemos o prolongamento das hastes ascendentes das letras h, l, b, até quase encontrar o limite superior do fólio, todas elas localizadas na primeira linha dos fólhos 154r, 155r, 156r, 156v, 157r, 158v, 159v e 160r. O texto também está dividido em uma coluna, assim como no restante do manuscrito, porém apresenta dezenove linhas por fólio, dezoito linhas escritas e não possui decoração marginal, embora a justificação e a organização dos fólhos pareçam ter sido preparadas para recebê-la. Percebemos ainda uma mancha na margem externa dos fólhos 154r, 154v e 155r, que pode ser uma marca de uso. Os dois últimos fólhos dessa parte, 159v e 160r, estão bastante escurecidos, e neste último há um carimbo da Biblioteca Nacional.

Nos fólhos 155r, 156r e 157r encontramos adições e correções feitas ao texto, localizadas na margem direita. A escrita dessas correções está em letra cursiva, na mesma tinta negra do texto, porém com tamanho menor, mais leve e predominantemente reta. No fólio 155r há três anotações na margem direita: na altura da primeira linha temos a inscrição “*in honestus et insanus*”³⁶ que segundo a indicação no próprio manuscrito encaixar-se-ia na mesma linha ao final da frase “*Quod iudex in humanus*”³⁷. Na altura da linha sete a correção “*tu*”, que se encaixaria no início da mesma linha, em substituição ao “*to*” após “*Ave*”, ficando assim “*Ave tu sinistra xpristi*”³⁸ e não “*Ave to sinistra xpristi*”. Ainda no mesmo fólio a palavra “*adoramus*” na linha onze, que deve substituir a última palavra desta mesma linha. Tal vocábulo não pode ser lido devido ao desgaste do pergaminho, porém podemos perceber que está riscada. Assim, a frase ficaria “*Te o vulnus adoramus*”³⁹.

Já no fólio 156r, entre a segunda e a terceira linha, na margem direita, temos a palavra “*eufrati*”, uma correção feita à “*effrati*”, no início da terceira linha. No fólio 157, entre as linhas seis e sete, na margem direita, a palavra “*qui*”, que se encaixa após “*ut*”, na linha sete, ficando “*ut qui eius passio...*”. Por fim, entre as linhas oito e nove, na margem direita, a palavra “*libremus*” abreviada, que deve substituir a palavra “*libentur*” na linha nove.

Ao final do fólio 159r, estendendo-se até a segunda linha do fólio 160r, há uma oração que se endereça à Trindade e em que se pede perdão pelos pecados do fiel. É importante destacar que a

³⁶ “honesto e inspirado”

³⁷ “O juiz humano”

³⁸ O mesmo que *christi*.

³⁹ “Adoramos a ti, ó chaga”

rubrica desta oração, bem como algumas das rubricas das orações anteriores, estão escritas em flamengo⁴⁰.

Fechando o livro, no fôlio 160r, há outra oração, escrita em primeira pessoa. Esta é uma oração de confissão e absolvição encontrada em missais dominicanos e carmelitas⁴¹. Aqui, a escrita também é cursiva, mais leve e predominantemente reta, porém a tinta está mais desgastada e oxidada. A letra é semelhante àquela das correções marginais encontradas nos fôlios anteriores, porém ainda não somos capazes de afirmar que se trata da mesma mão.

3. Análise paleográfica do calendário do livro de horas 50,1,016

O calendário é a primeira parte do livro de horas. Ele é um calendário litúrgico, ou seja, contém as principais festas do calendário oficial da Igreja de Roma e das dioceses locais, servindo como um guia do tempo sacro. Outra característica importante é que ele pode ser utilizado todos os anos, e varia de acordo com o uso e as festas litúrgicas locais. Por isso, esta parte do livro pode fornecer pistas importantes ao historiador, auxiliando na identificação de sua proveniência e datação.

Sua disposição é geralmente a mesma: dividido em quatro colunas, cada uma com uma informação diferente [Figura 4]. Na primeira coluna há uma série de números romanos que vão do I ao XIX (minúsculos), embora não estejam na ordem. Estes são os Números Dourados, que indicam a quantidade de aparições das luas novas, e conseqüentemente, contando quatorze dias para frente, das luas cheias ao longo do ano. Esta informação era usada para calcular a data da Páscoa em cada ano, celebrada sempre no domingo seguinte à primeira lua cheia após o equinócio de primavera no

⁴⁰ FAILLACE, Vera Lucia Miranda. *Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil*. Rio de Janeiro: FBN, 2016, p.129.

⁴¹ The ordinary of the mass from the Carmelite Missal. *The liturgia latina project*. Disponível em: <http://www.liturgialatina.org/carmelite/ordinary2.htm>. Acesso em: 26 jan. 2021. The dominican missal. *The liturgia latina project*. Disponível em: http://www.liturgialatina.org/dominican/mass_ordinary.htm. Acesso em: 26 jan. 2021.

Figura 4 - Esquema que demonstra os diferentes elementos que estavam presentes nas páginas dos calendários dos livros de horas. Mestre de Catarina de Cleves. Página de calendário do mês de junho



Números dourados – utilizados para calcular a data da Páscoa, festa mais importante do calendário cristão.

Letras dominicais – indicam os domingos, e consequentemente os outros dias da semana.

Dias da semana indicados pelo antigo sistema romano de *kalendas, idas* e *nonas*.

Dias de santos e festas litúrgicas – os dias escritos em vermelho indicam os mais importantes para aquela diocese.

Fonte: Horas de Catarina de Cleves, Utrecht, c.1440. Nova York: Pierpont Morgan Library (M.917).

hemisfério norte. Esta forma de cálculo, que deveria prever as variações da lua, contribuiu para a discrepância entre as datas medievais e as datas modernas da Páscoa⁴². Na segunda coluna estão as letras dominicais, que vão do A ao G e se repetem, indicando inicialmente os domingos e consequentemente os outros dias da semana. Todo ano essa letra dominical muda, movendo-se para trás. Então para cada ano uma das letras, do A ao G, corresponderia aos domingos⁴³.

Na terceira coluna a contagem de dias do mês indicada pelo antigo sistema romano de *calendas*, *idas* e *nonas*. *Calendas* é sempre o primeiro dia do mês. *Idas* podem ser duas datas: o 13º dia do mês em janeiro, fevereiro, abril, junho, agosto, setembro, novembro e dezembro; e o 15º dia do mês nos demais meses (março, maio, julho, outubro). Já as *nonas* ocorrem nove dias antes das *idas*. Como a data das *idas* é variável, a data de *nonas* também varia: dia sete para março, maio, julho e outubro, e dia cinco para os demais meses. Os outros dias da semana que não sejam os assinalados por estas datas são contados em relação a elas.

Finalmente, na quarta e última coluna, estão indicados os dias dos santos, festas e períodos litúrgicos. É nesta parte que se encontra a informação principal deste tipo de calendário litúrgico, ou seja, as principais festas do calendário oficial da Igreja de Roma e das dioceses locais, servindo como um guia do tempo sacro. Ele conjuga, assim, o tempo litúrgico e o tempo do cotidiano, refletindo a concepção plural de tempo na Idade Média, ao mesmo tempo cíclico e linear.

O calendário do livro de horas 50,1,016 se estende por vinte e quatro fólios, ou seja, cada mês ocupa um fólio *recto* e um fólio *verso*, começando no fólio 1r e terminando no verso do fólio 12, correspondendo ao primeiro caderno do manuscrito. Os nomes dos santos no calendário, assim como os nomes dos meses, estão escritos em francês.

Seu suporte, como para o restante do livro, é o pergaminho, e as medidas dos fólios e da mancha de texto, bem como o número de linhas e seu traçado permanecem os mesmos do restante do livro. A única diferença é que aqui há quatro colunas de texto, de tamanhos diferentes, de acordo com seu conteúdo. A coluna mais estreita é aquela que contém as letras dominicais; já a mais larga é aquela que contém os santos e festas litúrgicas.

Também é interessante notar que as duas linhas verticais que delimitam o espaço reservado à decoração marginal são mais espessas. Outra observação é que apenas o traçado que delimita a mancha de texto é prolongado até as bordas do fólio. As linhas horizontais e verticais que separam as colunas e as linhas são ligeiramente irregulares, às vezes ultrapassando os limites da mancha de texto.

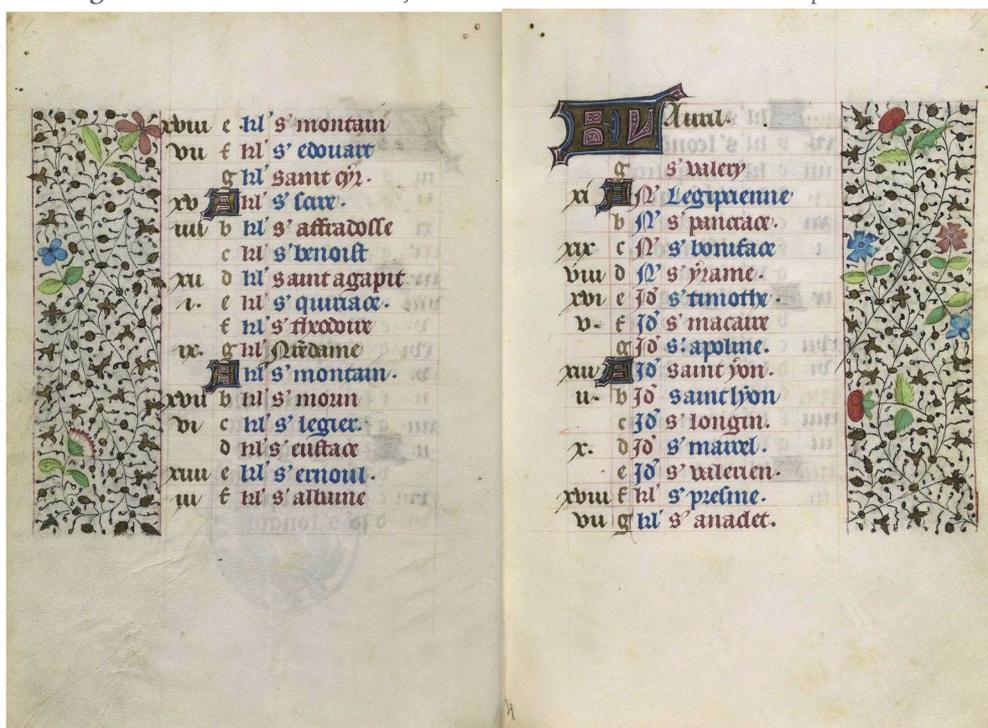
⁴² WIECK, Roger. *Painted prayers: the book of hours in Medieval and Renaissance Art*. New York: George Braziller Inc, 1997, p. 27-28.

⁴³ WIECK, Roger. *Painted prayers: the book of hours in Medieval and Renaissance Art*. New York: George Braziller Inc, 1997, p. 28.

A capitular KL localiza-se no canto superior direito de todos os fólhos *rectos*, ocupando a primeira, a segunda e a terceira linhas. O nome do mês, em francês, está na segunda linha, enquanto os nomes dos santos e festas litúrgicas, bem como as informações das outras colunas, começam apenas na quarta linha de texto. Há uma pequena diferença em relação aos fólhos verso: como não há a capitular KL o texto inicia já na segunda linha, colado à linha que delimita a mancha de texto. Abaixo, na figura 05, podemos ver um par de fólhos do calendário.

Nesta parte do manuscrito encontramos as cores vermelho, azul e dourado. A primeira e a segunda colunas, onde estão as letras dominicais e o ciclo lunar, estão escritas em dourado, bem como o nome do mês na primeira linha de cada fólho. A terceira coluna, onde constam as abreviaturas para *calendas*, *idas* e *nonas*, está escrita em azul e vermelho alternadamente. Os nomes dos santos e festas também se alternam em vermelho e azul, contrastando com a coluna anterior. Ou seja, se a abreviatura dos dias está em azul, o nome do santo está em vermelho, e vice-versa.

Figura 05 – Final do mês de março e início do mês de abril, ff. 3v e 4r respectivamente



Fonte: Livro de horas 50,1,016.

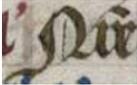
Em dourado, além das festas litúrgicas mais importantes, como “*La circoncision*” e “*La typhaine*” no fólho 1r, “*Notre dame*” no fólho 3v para a festa da Anunciação, “*Le iour de Noel*” e “*Les innocens*” para as festas do Natal e dos Santos Inocentes no fólho 12v, encontramos também nomes de santos. Alguns são celebrados por toda a cristandade, como “*s. Jehan Baptiste*”, São João Batista na linha nove do fólho 6v, “*s. pierre s. pol*”, São Pedro e São Paulo na linha 15 do mesmo fólho, correspondente ao mês de junho. No entanto, alguns dos santos escritos em dourado são específicos da diocese de Paris: “*ste geneviesue*”, Santa

Genoveva, na sexta linha do fólio 1r, correspondendo ao dia três de janeiro, padroeira da cidade de Paris; “*s. denis*”, São Dionísio, na 11ª linha do fólio 10r, correspondendo ao dia nove de outubro, co-padroeiro de Paris; “*s. marcel*”, conhecido como São Marcelo de Paris, na 5ª linha do fólio 11r, correspondendo ao dia três de novembro, outro padroeiro da cidade. A presença destes santos é um indício que aponta para uma proveniência francesa do livro, bem como um uso litúrgico parisiense.

Nesta parte do manuscrito podemos observar dois tipos de iniciais: no início de cada mês, para indicar o primeiro dia do mês, a abreviatura KL para “calendas”. Elas são escritas em dourado, com fundo azul e vermelho e decoração em filigranas brancas, ocupando três linhas. O mesmo tipo de decoração pode ser observado na coluna das letras dominicais, em todas as letras “A”. Estas são menores, ocupando somente uma linha do fólio. Outra particularidade do calendário é a presença de numerais romanos, na coluna do ciclo lunar. [Figura 05]

Há emprego de abreviaturas, algumas delas de maneira sistemática, como nas palavras *calendas*, *idas*, *nonas*, *sainte* e *notre*, que estão sempre abreviadas. Já as palavras *saint* e *octava* podem aparecer por extenso, embora seja mais comum a presença da abreviatura. Também pode aparecer um ponto após a abreviatura “S” para *saint* e *sainte*. A tabela 1 mostra as abreviaturas utilizadas no calendário.

Tabela 1 - Abreviaturas no calendário

ABREVIATURAS	
Dias	 [Nonas]  [Idas]  [kalendas]
Palavras inteiras	 [Saint/Sainte]  [Sainte]  [Octava]  [Notre]
Partes de palavras	 [ques]  [in]  [en]  [an]  [christ]  [ui]  [geliste]
Número	 [onze mil]

Fonte: elaboração própria.

Outra característica é a presença de letras maiúsculas. Podemos percebê-las no início de cada mês, na abreviatura das palavras *nonas*, *idas*, *octava*, *notre*, *saint* e *sainte*. Também há letras maiúsculas nos pronomes “*La*” e “*Les*” anteriores a algumas festas litúrgicas, como por exemplo “*La circumcison*” no fólio 1, “*La chandeleur*” no fólio 2, “*L’egipcienne*” no fólio 4r, “*Les mors*” no fólio 11r. Ainda, a palavra “*Vigile*” nos fólios 6v, 8r, 10v está sempre escrita em maiúscula. Outra constância é a presença do *i* caudado maiúsculo no início de nomes de santos, como em “*Jaques*” no fólio 5v, “*Jehan*” nos fólios 6v, 8v e 12v, “*Jerome*” no fólio 9v. As tabelas 2 e 3 mostram os alfabetos maiúsculo e minúsculo do escriba que copiou o calendário.

Tabela 2 - Maiúsculas do calendário

MAIÚSCULAS												
A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
												
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	Y	Z	-
												

Fonte: elaboração própria.

Tabela 3 - Minúsculas do calendário

MINÚSCULAS												
a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m
												
n	o	p	q	r	s	t	u	v	x	y	z	-
												

Fonte: elaboração própria.

Tomando por base alguns conceitos fundamentais da paleografia e analisando as letras minúsculas e as maiúsculas presentes na tabela abaixo, podemos tecer algumas considerações. Em primeiro lugar, percebemos tratar-se de uma escrita pesada, realizada com um instrumento duro, provavelmente uma pena de ave. Segundo Nuñez Contreras, o peso “é um elemento indicador na análise paleográfica de natureza grossa ou fina dos traços constitutivos de cada letra. ‘Escrita pesada’ ou ‘escrita leve’ são termos cujos conteúdos correspondem a uma realização com um instrumento macio ou com instrumento duro.”⁴⁴

Também podemos perceber que se trata de uma escrita bastante uniforme, pois verificamos pouquíssimas variações nos traçados das letras. A esta qualidade, ainda segundo Nuñez Contreras⁴⁵, dá-se o nome de escrita caligráfica.

Também podemos afirmar tratar-se de uma escrita gótica. Segundo Derolez, gótico é um nome genérico para todas as escritas medievais tardias que não sejam humanísticas⁴⁶.

⁴⁴ NUÑEZ CONTRERAS, Luis. *Manual de Paleografía. Fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1994, p. 42.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 46.

⁴⁶ DEROLEZ, Albert. *The palaeography of gothic manuscript books from the twelfth to the early sixteen century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 10.

Esta definição negativa está plenamente justificada pela imensa variedade de formatos e aspectos exibidos pelas escritas medievais tardias: angulosa ou redonda, vertical ou inclinada, caligráfica ou rápida, espessa ou fina, estreita ou larga, com ou sem volteios.⁴⁷

Assim, devido a esta variedade de possibilidades, é necessário fazer uma análise morfológica das letras para podermos encontrar suas características peculiares. Tal análise será feita baseada no sistema de nomenclatura forjado por Gerard Isaac Liefinck, e expandido por J. Peter Gumbert, o mesmo que é utilizado por Albert Derolez. Este sistema expandido conta com seis tipos de escritas góticas, baseadas nas formas do **a**, do **f**, do **s** e dos ascendentes⁴⁸ de determinadas letras. São eles: *Textualis*, *Semitextualis*, *Semihybrida*, *Hybrida*, *Cursiva Antiquior* e *Cursiva*. Além disso, ele também distingue três níveis de execução para cada um dos tipos de letra: *Formata* para uma execução cuidadosa e extremamente formal; *Libraria* para um médio nível de execução e *Currens* para uma execução rápida, de nível inferior.

Na escrita *Textualis* a letra **a** é constituída por dois compartimentos; as letras **f** e **s** escritas na linha de base⁴⁹, sem descendentes⁵⁰ e os ascendentes de **b**, **h**, **k**, **l** sem volteios, com topos retos ou bifurcados ou com um pequeno traço para a esquerda⁵¹. Já na escrita *Cursiva* a letra **a** é constituída por apenas um compartimento, o **f** e o **s** possuem traços descendentes e os ascendentes de **b**, **h**, **k**, **l** possuem volteios. Os outros tipos de letras variam entre esses dois polos. Olhando para a tabela 3 e analisando esses elementos na escrita do calendário do livro de horas 50,1,016, podemos dizer que se trata de uma escrita *Textualis*. Podemos ainda observar a figura 06, que mostra exemplos deste tipo de letra, para compará-los às mesmas letras da tabela 3, reproduzidas na figura 07. Notemos que o ascendente da letra **b** possui uma pequena bifurcação no topo, da mesma forma que os ascendentes de **h**, **k**, **l**.

Figura 06 - Letras a, b, f



Fonte: DEROLEZ (2003), p. 73.

Figura 07 - Letras a, f, b, h, k, l



Fonte: Livro de horas 50,1,016.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 10.

⁴⁸ Na escrita minúscula, parte de uma letra que se estende acima da linha média, como em **b** e **l**. *Ibidem*, p. XX.

⁴⁹ A linha de escrita, isto é, a linha em que as jambas, as ascendentes e as maiúsculas são escritas. *Ibidem*, p. XX.

⁵⁰ Na escrita minúscula, a parte da letra que se estende abaixo da linha de base, como em **p** e **q**. *Ibidem*, p. XX.

⁵¹ *Ibidem*, p. 73.

Segundo Derolez, a escrita *Textualis* é a forma mais comum de escrita gótica e de todas as escritas do Ocidente medieval⁵². Ainda segundo ele, é bem difícil estimar uma data para o início do uso da escrita gótica, embora comumente se aceite a data de 1200⁵³.

Outro aspecto que merece atenção é o tratamento dado pelo escriba à linha de escrita e à linha média⁵⁴, bem como às jambas⁵⁵. O tipo de tratamento define o subtipo de *Textualis*: *Quadratus*, *Semiquadratus*, *Rotundus*, *Praescissus*. Quando as jambas recebem uma serifa⁵⁶ em forma de diamante ou quadrado nas linhas de escrita e média, que se tocam nas laterais, estaremos diante de uma *Textualis Quadratus*⁵⁷. Já a *Semiquadratus* possui quadrados apenas na linha média, e sua linha de escrita possui finas serifas que se voltam para cima e para a direita e tocam a letra seguinte⁵⁸. Na *Rotundus* a base das jambas e os traços dos ascendentes se voltam para cima e para a direita, e têm pés que recebem o mesmo tratamento da *Semiquadratus*⁵⁹. Na *Praescissus* a linha média recebe o mesmo tratamento da *Quadratus*, enquanto algumas jambas e ascendentes terminam retas, sem nenhum acréscimo de serifa, traço ou curva⁶⁰. Podemos observar exemplos destes quatro subtipos de *Textualis* na figura 08, usando a letra **m** como exemplo.

Figura 08 – *Textualis quadratus, semiquadratus, rotundus e praescissus*, respectivamente



Fonte: DEROLEZ (2003), p. 74, 75, 76.

Figura 09 – Letra m escrita pelo escriba do calendário do livro de horas 50,1,016



Fonte: Livro de horas 50,1,016.

Na figura 09, observamos que as jambas do **m** do escriba do calendário do livro de horas 50,1,016 possuem a linha média semelhante à *Textualis Rotundus*, enquanto sua linha de escrita é semelhante à *Textualis Quadratus*. Já na figura 10 podemos observar o tratamento para as jambas do **u**,

⁵² DEROLEZ, Albert. *The palaeography of gothic manuscript books from the twelfth to the early sixteen century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 72.

⁵³ *Ibidem*, p. 72.

⁵⁴ Linha imaginária que marca o topo das jambas e das letras curtas na escrita minúscula. *Ibidem*, p. XXI.

⁵⁵ Um traço vertical curto, entre a linha de base a linha média, como em i, m, n, u. *Ibidem*, p. XXI.

⁵⁶ Um pequeno traço decorativo adicionado às extremidades das letras. *Ibidem*, p. XXI.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 74.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 75.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 75.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 76.

do **i** e do **n**. A jamba do **i** possui a forma de diamante na linha média e a serifa virada para cima e para direita na linha de escrita. O mesmo ocorre no **u**. Já as jambas do **n** têm um tratamento semelhante às do **m**.

Figura 10 – Letras i, u, n escritas pelo escriba do calendário do livro de horas 50,1,016



Fonte: Livro de horas 50,1,016.

Outros elementos que devem ser observados são as fusões, quando “duas letras adjacentes são unidas de maneira que uma parte de seus traçados se tornam comuns ou se sobrepõe”⁶¹ e o uso do **r**. Para a gótica *Textualis*, foi Wilhelm Meyer quem descreveu as duas regras principais para os aspectos citados acima⁶². São elas:

(I) “Quando duas letras adjacentes têm arcos que se encostam (por exemplo **bo**, **oc**, **po**), estes são colocados tão próximos que os arcos se sobrepõem parcialmente. Mas quando os arcos são trocados por traços retos, as letras dividem as partes verticais dos arcos transformados.

(II) Para evitar o máximo possível o encontro do arco com o traço reto o **r** redondo da ligadura **or** é também adicionado às letras com arco: **b**, **d** redondo, **h**, **p**, **v**, **y**.”⁶³

Derolez inclui dois exemplos destas regras de Meyer, reproduzidos na figura 11 abaixo.

Figura 11 – Exemplos de fusões segundo as regras de Meyer



Fonte: DEROLEZ (2003), p. 77.

Devemos agora nos voltar para a tabela 4, que mostra as fusões encontradas no calendário do livro de horas 50,1,016. Além dos exemplos já citados por Derolez, encontramos as fusões **ho**, **he**, **og**, **od**, **be**, **pe**.

⁶¹ DEROLEZ, Albert. *The palaeography of gothic manuscript books from the twelfth to the early sixteen century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 57.

⁶² *Ibidem*, p. 77.

⁶³ *Ibidem*, p. 77.

Tabela 4 – Fusões do calendário

FUSÕES					
[oc]	[od]	[og]	[ho]	[bo]	[po]
	[he]	[be]	[pe]		

Fonte: elaboração própria.

Também devemos observar a tabela 5, que elenca as ligaduras com r redondo. Podemos ver que o uso deste tipo de letra segue exatamente a regra II de Meyer.

Tabela 5 – Uso do r redondo no calendário

USO DO R REDONDO					
[yr]	[or]	[pr]	[br]	[dr]	[vr]

Fonte: elaboração própria.

Uma terceira regra, desta vez descrita por Stefano Zamponi, determina o fenômeno conhecido como elisão:

“Quando o último traço de uma letra termina na linha média e a letra seguinte tem o traço de abordagem também na linha média (como na *Textus Rotundus*) ou em forma de quadrado (como na *Textus Quadratus* e *Textus Praescissus*) o traço de abordagem ou quadrado é omitido.”⁶⁴

Da mesma maneira, se a linha ascendente da letra seguinte possui uma projeção pontuda na linha média, esta projeção será omitida. Segundo Derolez, as letras que criam elisão na letra seguinte são c, e, f, g, r, t, x. Já as letras que sofrem elisão são i, m, n, p, r, t, u. Podemos ver dois exemplos desta regra na figura 12.

Figura 12 – Exemplos de elisões



Fonte: DEROLEZ (2003), p. 79.

⁶⁴ DEROLEZ, Albert. *The palaeography of gothic manuscript books from the twelfth to the early sixteen century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 78.

Devemos então mapear a presença das elisões no calendário do livro de horas 50,1,016, cujo resultado está apresentado na tabela 6 abaixo. É necessário salientar a ausência de elisões com a letra e.

Tabela 6 – Elisões do calendário

ELISÕES	
c	 [ci]  [cr]  [cu]  [ct]
e	-
f	 [fr]  [fi]
g	 [gn]  [gi]
r	 [rc]  [ri]  [ru]  [rr]  [rt]  [rm]
t	 [ti]  [th]  [tr]  [tt]  [tu]
x	 [xi]  [xt]

Fonte: elaboração própria.

Algumas letras merecem um comentário especial. A primeira delas é a letra **a**. Podemos observar que o **a** do escriba do calendário do livro de horas 50,1,016 é formado por dois compartimentos, e que o topo da haste se curva para dentro, fechando-se em um arco, formado por uma fina serifa [Figura 13], tal qual o exemplo mostrado por Derolez [Figura 14]. Não há outros tipos de **a** nesta parte do livro de horas 50,1,016. Ainda segundo o mesmo autor, Wolfgang Oeser estudou as regras para utilização dos tipos de **a** em manuscritos góticos – **a** com dois arcos e **a-caixa**⁶⁵-, e descobriu que nos textos do tipo *Textualis Quadratus* os escribas usavam exclusivamente o **a** com dois arcos⁶⁶, exatamente como ocorre no calendário do livro de horas 50,1,016.

Figura 13 – Letra a escrita pelo escriba do calendário do livro de horas 50,1, 016



Fonte: Livro de horas 50,1,016.

⁶⁵ Cf. DEROLEZ, Albert. *The palaeography of gothic manuscript books from the twelfth to the early sixteen century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 77-78.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 85.

Figura 14 – Exemplo de letra a dado por Derolez



Fonte: DEROLEZ (2003), p. 86.

A letra **d** possui uma haste curta e inclinada para a esquerda [Figura 15], lembrando a forma do **d** Uncial exemplificado por Derolez [Figura 16].

Figura 15 – Letra d escrita pelo escriba do calendário do livro de horas 50,1,016



Fonte: Livro de horas 50,1,016.

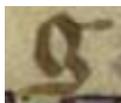
Figura 16 – Exemplo de letra d dado por Derolez



Fonte: DEROLEZ (2003), p. 87.

A letra **g** merece atenção especial [Figura 17]. Em sua parte superior, ela é formada por uma curva com uma serifa à direita, e na parte de baixo um traço que se inclina para a esquerda, pouco abaixo da linha de escrita. Este traço não se conecta com o restante da letra. Este parece ser um traço típico da morfologia deste escriba.

Figura 17 – Letra g escrita pelo escriba do calendário do livro de horas 50,1, 016



Fonte: Livro de horas 50,1,016.

O uso do **j**, por sua vez, foi verificado duas vezes, ambas para números: no fólho 7v, em “*Les vij dormans*”, e no fólho 11r em “*iiij couronnes*”. É interessante notar que não há uso do **j** na coluna do ciclo lunar.

A letra **s** pode ser encontrada em suas duas formas, **s** reto e **s** redondo [Figura 18], introduzido no sistema de escrita gótica desde o século XII, conforme exemplificado por Derolez [Figura 19]. Devemos notar, entretanto, que na figura 18, a curva final do **s** redondo, tanto na linha de escrita quanto na linha média, são mais angulosas do que na figura 19. Ainda na figura 18 também devemos

sublinhar que a projeção pontuda na haste do *s* reto, à esquerda, é bastante sutil, e em muitos casos chega a desaparecer, como na palavra “*susanne*”, no fólio 2v [Figura 20].

Figura 18 – S redondo e S reto escritos pelo escriba do calendário do livro de horas 50,1, 016



Fonte: Livro de horas 50,1,016.

Figura 19 – Exemplos de letra *s* dados por Derolez



Fonte: DEROLEZ (2003), p. 63.

Figura 20 – “*susanne*”



Fonte: Livro de horas 50,1,016.

O emprego dos dois tipos de *s* também segue a regra tradicional, em que o *s* redondo é usado somente no final das palavras, enquanto o reto é usado no início e no meio. Contudo, devemos salientar a presença do *s* redondo na abreviatura das palavras *saint* e *sainte*, acompanhados do sinal de abreviatura sobre a letra, algo que, segundo Derolez, pode ser observado desde o sistema Pregótico⁶⁷.

A letra *t* possui duas finas serifas, uma na linha média, acima do traço horizontal, e outra na linha de escrita. As duas estão voltadas para cima e para a direita. Os traços descendentes do *p* e do *q* terminam em uma bifurcação semelhante à encontrada nos traços ascendentes de *b*, *k*, *l*, *h*. Já a letra *o* é angulosa, assim como a letra *e* [Figura 21].

Figura 21 – Letras *t*, *p*, *q*, *o*, e escritas pelo escriba do calendário do livro de horas 50,1,016



Fonte: Livro de horas 50,1,016.

⁶⁷ DEROLEZ, Albert. *The palaeography of gothic manuscript books from the twelfth to the early sixteen century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 93.

A letra **v** merece destaque. Ela é usada exclusivamente no início das palavras e nos numerais da coluna do ciclo lunar, e seu *ductus* é bem diferente em relação ao *ductus* do **u** [Figura 22]. De fato, a letra **u** não é usada para expressar números e nem no início de nenhuma palavra, configurando assim um entendimento e um uso bem distinto destas duas letras pelo escriba em questão.

Figura 22 – Letras v, u escritas pelo escriba do calendário do livro de horas 50,1,016



Fonte: Livro de horas 50,1,016.

De uma maneira geral, podemos perceber amplo uso de finas serifas em algumas letras, principalmente quando estas se encontram no final de palavras, como os dois tipos de **r**, **e**, **l**, **n**, sempre voltadas para cima e para a direita. Já o **h** e o **x** possuem serifas voltadas para a esquerda e para baixo [Figura 23].

Figura 23 – Letras n, r, e, r, l, h, x escritas pelo escriba do calendário do livro de horas 50,1,016



Fonte: Livro de horas 50,1,016.

Assim, após analisar minuciosamente as características das letras do calendário do livro de horas, percebemos grande tendência para uma escrita gótica *textualis formata*, do tipo *quadratus*. Sua escrita é pesada, caligráfica e predominantemente reta.

Considerações finais

Conforme já afirmamos acima, todo o livro de horas 50,1,016 é escrito no mesmo tipo de letra: Gótica *Textualis Formata*. Observamos que, de uma maneira geral, as letras do calendário foram escritas em um alto grau de formalidade. O escriba utiliza somente o **a** em dois compartimentos. Tanto a linha de base quanto a linha média das letras apresentam o formato do diamante nas mínimas do **i**, **m**, **n**, **u**. As letras **f**, **l**, **s** reto não apresentam descendentes, e suas jambas, bem como a jamba do **r** reto, terminam também com o formato do diamante. As letras **c**, **d**, **e**, **o**, bem como as panças do **b**, **g**, **p**, **q** são bastante angulosas, constituídas por um *ductus* complexo. Praticamente não identificamos

fenômenos de cursivização nesta parte do códice, onde também há pouco uso de abreviaturas. Tudo isso indica uma escrita bastante formal, com um nível elevado de execução, feita por um único escriba.

Creemos que o restante do livro – do fólio 13r ao 153v – foi escrito por outro escriba, cujo grau de formalidade é menor. Porém, também acreditamos que tais escribas pertenceriam ao mesmo ateliê, o que poderia explicar a homogeneidade aparente na escrita destas duas partes do livro. Ainda, pensamos que a terceira parte é uma adição posterior ao manuscrito, que teria sido copiada por um terceiro escriba.

Assim, podemos concluir que pelo menos três escribas trabalharam na confecção deste códice: um no calendário, outro na parte principal – entre os fólhos 13r e 153v – e um terceiro para os doze fólhos finais. Podemos ainda levantar a hipótese que as anotações marginais, bem como a oração do fólio 160r, foram feitas por outras mãos, porém não temos indícios suficientes para fazer tal afirmação de maneira contumaz.

Referências bibliográficas

- AUBERT, Eduardo. **Morfologia da letra manuscrita: considerações terminológicas voltadas à escrita caligráfica antiga e medieval**. No prelo.
- BERGE, Damião. **Livros de Horas manuscritos iluminados da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional (ms. 23,2,12). Datilografado. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1589021/mss1589021.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2021.
- BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de paleografia e diplomática**. 5.ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2015.
- BROWN, Michelle. **Understanding Illuminated Manuscripts: a guide to technical terms**. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 1994.
- CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes. Subsídios para a história da Biblioteca Nacional. **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, Vol. 101, p. 123-146, 1981. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1981_00101.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2022.
- DAMASCENO, Darcy. **Manuscritos – séc XII-XVIII: Pergaminhos iluminados e documentos preciosos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1973, p. 5. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon620428.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2021.
- DEROLEZ, Albert. **The palaeography of gothic manuscript books from the twelfth to the early sixteen century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- Dicionário de Latim-Português Português-Latim**. Porto: Porto Editora, 2014.
- FAILLACE, Vera Lucia Miranda. **Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil**. Rio de Janeiro: FBN, 2016. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2020/livro_de_horas_digital-6630.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2021.
- FRÓES, Vânia. O livro de horas dito de D. Fernando – maravilha para ver e rezar. **Anais da Biblioteca Nacional**, vol. 129, p. 83-135, 2011. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2009_00129.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- GAMA, João de Saldanha da. (dir.) **Exposição Permanente dos Cimélios da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Leuzinger & Filhos, 1885, p. 479-481. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg73116/drg73116.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2021.
- GAUVARD, Claude; LIBERA, Alain de; ZINK, Michel. **Dictionnaire du Moyen Âge**. Paris: PUF, 2002.

NUÑEZ CONTRERAS, Luis. **Manual de Paleografía. Fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1994.

PINHEIRO, Ana Virgínia. O livro do olhar e do silêncio. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, vol. 137, p. 31-68, 2020. Disponível em:
<https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2020/anais_da_biblioteca_nacional_vol.137_-_2017-6933.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002.

WIECK, Roger. **Painted prayers: the book of hours in Medieval and Renaissance Art**. New York: George Braziller Inc, 1997.